



SÍNODO LISBOA 2016

RELATÓRIO FINAL DO SEGUNDO TRIMESTRE

O segundo capítulo da Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* foi lido e meditado por vários milhares de pessoas do Patriarcado de Lisboa no âmbito da caminhada sinodal, de janeiro a março de 2015. O presente relatório pretende refletir as linhas gerais que foram refletidas e que se constituem como propostas a serem levadas a debate no Sínodo. A divisão temática por que se optou é a mesma que se seguiu no relatório do primeiro trimestre.

1. CONSTATAÇÕES

1.1. Externas: olhar para o mundo

Quando os cristãos de Lisboa dirigiram o olhar para o mundo contemporâneo assinalaram a primazia do imediato e dos valores materiais, assim como a secularização da fé como notas dominantes da sociedade. O ritmo frenético em que se vive não permite que nos dirijamos para os

outros e muito menos que nos abramos a Deus. Vive-se anestesiado pelo bem-estar. Há uma grande confusão de valores. A vivência religiosa não é considerada uma prioridade.

Há uma grande desresponsabilização em relação aos demais. Os jovens sentem-se desmotivados e desnorteados porque não sabem o que querem nem porque querem. Os que nascem nesta sociedade da informação são conduzidos à falta de valorização do pensamento e julgamento crítico.

Aponta-se uma crise cultural da família: esta não é valorizada e há um pluralismo intrafamiliar que dificulta a convivência. O individualismo também cria um grande choque em relação à vivência familiar. O horizonte de vida das pessoas é muito curto e por isso vivem muito centradas nos próprios problemas. O estilo de vida tão preenchido não permite o encontro familiar, o que vicia na raiz qualquer possibilidade de se partir para uma comunidade ainda mais alargada.

Há uma grande obsessão pelo tempo pessoal, fruto do desgaste profissional. Procura ainda viver-se no anonimato camuflado e na falta de compromisso. Educa-se para a competição que leva a uma grande depressão nas gerações mais jovens. Nas escolas há falhas graves de comportamento e de respeito.

O mundo vive um grande pluralismo cultural e étnico e a imigração também é uma realidade a ter em conta. Há um número crescente de excluídos e marginalizados. Desprezam-se os mais desfavorecidos por estes não trazerem benefício imediato à sociedade.

Há uma grande evolução tecnológica. Os meios de comunicação também são um fator de transformação do mundo atual. A competição profissional e social é também uma constante na evolução do mundo de hoje. Vivemos num sistema social pouco justo, com uma má distribuição da riqueza.

O mundo atual vive também a realidade da crise, que é negativa socialmente mas que é também um apelo para a abertura à transcendência. O homem de hoje vive sedento do transcendente e procura saciar-se em muitas fontes.

Além disso, o mundo espera que os que estão na Igreja sejam já «santos» e correspondam a um paradigma pré-definido do que é ser cristão. Por outro lado, a Igreja é olhada como instituição caduca, antiquada e incapaz de responder aos desafios do mundo atual.

1.2. Internas

1.2.1. Igreja universal

Muitos cristãos têm vergonha de se apresentar como cristãos na sociedade laica, e mesmo na vida dos cristãos a fé é uma realidade secundária. A descoberta de Deus é feita isoladamente. Há uma grande procura de intimismo religioso. As pessoas procuram outras formas de vivência religiosa porque nas comunidades não encontram vivências que as atraiam.

A relação com a fé está muito ligada à tradição, não havendo abertura a novas ideias. Continua a dar-se respostas velhas aos problemas novos. Muitas iniciativas não são continuadas.

Os escândalos dentro da Igreja descredibilizam-na. Por outro lado, a Igreja preocupa-se muito com a dimensão normativa. Muitos criticam a burocracia da Igreja. Há um discurso muito para os de dentro e não para os de fora. Há uma tentação de querer construir uma Igreja à própria maneira. Há muitas perspectivas pessoais dentro das vivências eclesiais. Por outro lado, a Igreja doméstica como realidade integradora da vivência cristã perdeu-se.

Há um grande desânimo e apatia. A esmola é dada para serenar a consciência. Há muitas resistências a alterações na Liturgia. Há uma crise dos bons líderes juvenis e adultos para acompanhar os jovens. Muitos cristãos consideram a linguagem pouco compreensiva, além do que reconhecem que as adversidades paralisam a ação pastoral.

A proposta da evangelização é reduzida a uma mera etapa inicial da vida e não é percebida como um processo global de toda a vida. Constata-se uma falta de iniciativas que sejam verdadeiramente relevantes e impulsionem uma concreta evangelização e inculturação do Evangelho.

1.2.2. Diocese

As lideranças estão envelhecidas. Os adultos têm pouca motivação para a vida paroquial. Há uma necessidade de caminhar numa corresponsabilidade de todos os fiéis. Há o grave sentir de uma descoordenação eclesial e a urgente necessidade de uma pastoral de conjunto a nível diocesano e vicarial. Há um desnorreamento no profundo sentido de comunhão (Bispos, padres e diáconos). Privilegia-se o imediato e despreocupamo-nos com futuro. Por outro lado, há pouca presença dos cristãos nas decisões políticas e sociais.

A pastoral vocacional é fraca na expressão e nas consequências e há um grande desconhecimento dos religiosos na Diocese.

As empresas sociais da Igreja são muito importantes para colmatar as falhas do Estado. Neste sentido, constatamos que as pessoas não se sentem indiferentes aos problemas dos outros.

Há pouco apoio aos sacerdotes na partilha de experiências entre as paróquias, o que permitiria uma maior facilidade de coordenação de formas de trabalho. Aponta-se a falta de estruturas de cariz diocesanas ramificadas às paróquias que permitam a resolução de problemas e conjunto.

A diocese deve assumir um papel ativo na promoção de uma convivência saudável que ponha de lado os elementos supérfluos em que há desentendimento entre as paróquias e os movimentos.

1.2.3. Paróquias

Procura-se desenvolver a pastoral familiar, que integre e desenvolva os vários aspetos da vida cristã. Contudo, é difícil organizar atividades com crianças de famílias desestruturadas.

Assinala-se também, em alguns casos, que há pouco apoio dos párocos para as atividades paroquiais e indica-se que se vive um ativismo estéril. Muitas vezes as ações são desgarradas, não havendo uma pastoral de conjunto.

As funções adquiridas na paróquia podem ser um obstáculo à evangelização na vida quotidiana. Há grande tentação de poder nos serviços das comunidades paroquiais. Todas as tarefas das paróquias são desempenhadas por um pequeno grupo de pessoas, pouco disposto a partilhar o seu trabalho com os outros. Há uma certa vaidade exibicionista e falta de humildade evangélica. Por outro lado, indica-se em alguns casos que há pouca presença dos jovens, e ainda menos a colaborar ativamente.

Existe desresponsabilização dos vários intervenientes paroquiais. Há poucos iniciativas para os adultos, contudo também houve quem sublinhasse a importância de vários movimentos para a formação e dinamização dos adultos.

Há uma grande estrutura de apoio social às pessoas, de modo que se constata que a opção preferencial pelos mais fracos existe de facto.

Há uma grande distância dos padres em relação aos paroquianos. Os sacerdotes e diáconos estão sempre apressados sem tempo para escutar e falar com as pessoas. Contudo, também há quem indique que há padres muito próximos.

Vive-se muito uma pastoral de sacramentalização, e os vários desafios que são colocados não são convenientemente respondidos pela estrutura paroquial, que assim se torna insuficiente.

Embora muitos sublinhem a crescente importância das mulheres nas responsabilidades paroquiais, também se assinala a importância de desenvolver a sua presença e responsabilidade.

Cada grupo ou movimento está muito centrado em si mesmos, dando mais importância às suas atividades àquelas de cariz diocesano, vicarial ou paroquial.

Há uma dificuldade em propor um caminho vocacional aos jovens, e os pais são os primeiros a não incentivar esse mesmo caminho. Há ainda pouco diálogo com as vocações consagradas.

A linguagem usada está distanciada da vida de cada um. Assinala-se ainda que há mundanismo na vida das paróquias. Por outro lado, falta preparação dos sacerdotes para o diálogo com pessoas com formação mais elevada.

Há muitas pessoas cujo contributo não está a ser aproveitado pelas comunidades paroquiais, nomeadamente contributos que adviriam da sua formação particular em determinada área do saber.

1.2.4. Movimentos

As pessoas que participam nos movimentos não precisam de outro enquadramento para a sua vida eclesial, nomeadamente não sentem a necessidade da pertença territorial à paróquia.

Algumas paróquias tornam-se “reféns” de determinados movimentos, não havendo facilidade do desenvolvimento de outros movimentos. Os movimentos nem sempre estão muito integrados nas paróquias. Por outro lado, também há experiências de boa integração dos movimentos na vida paroquial.

Os movimentos promovem espaços de encontro mais prolongados e programados, nomeadamente através de uma formação mais integral de toda a pessoa.

1.2.5. Família

As famílias estão pouco esclarecidas quanto à real proposta da Igreja para a realidade familiar de hoje. Sente-se também a necessidade de mais e melhor catequese para a família.

2. DESAFIOS (PELAS TRÊS DIMENSÕES FUNDAMENTAIS DA AÇÃO DA IGREJA)

2.1. Sacerdotal

2.1.1. Liturgia

Era importante que as missas diárias fossem celebradas em horários adequados para quem trabalha.

É necessário o investimento nos grupos corais, leitores, acólitos e ministros extraordinários da comunhão.

A dimensão simbólica das celebrações está mal trabalhada.

O sacramento da reconciliação está esquecido e as pessoas não o compreendem de forma correta.

2.1.2. Espiritualidade

É preciso manter a alegria e as Igrejas abertas. Somos chamados a não viver apenas da Eucaristia, mas possibilitar outras formas de oração e de culto a Deus. Há ainda a necessidade de retiros: devem ser promovidos tendo em vista vários grupos, mas também retiros abertos a todas as pessoas. Por outro lado, também é importante cultivar um maior e mais profundo contacto com a Palavra de Deus. É importante aproveitar o Ano Litúrgico para que este ilumine a vida das pessoas nos seus vários passos.

São fundamentais os tempos de oração, nomeadamente a organização de vigílias de oração. Deve-se promover a piedade popular, como porventura a única forma de introduzir a fé e a Igreja nos ambientes citadinos. É necessário ainda possibilitar o surgimento de espaços atraentes para as pessoas rezarem, e mais que isso é importante ajudar e incentivar as pessoas a rezar.

É essencial o cultivo de tempo e do hábito para a direção espiritual. Também é importante o cultivo do exame de consciência, nomeadamente a respeito da própria ação pastoral. Seria ainda importante a disponibilização de livros de espiritualidade na paróquia. Deve-se apostar ainda em momentos de partilha das vivências espirituais.

A Igreja de Lisboa é chamada a cultivar a consciência de que é na Igreja e só na Igreja que se pode encontrar uma espiritualidade que é ousada e que liberta, frente a outras experiências de busca espiritual que tiram a liberdade às pessoas. Neste sentido, é fundamental fazer transparecer a mensagem do Evangelho, retirando o ênfase de uma dimensão clericalista, demasiado normativa e desprovida da verdadeira força da revelação divina.

2.1.3. Sacramentos

É importante um maior cuidado na preparação para o Matrimónio e para os Batismos, com profundidade e seriedade.

Há uma necessidade de reflexão e ação na abordagem do sacramento da Penitência.

É indispensável fazer dos Sacramentos de Iniciação Cristã aquilo que eles verdadeiramente são e não apenas eventos sociais ou direitos adquiridos.

É essencial redescobrir o verdadeiro sentido da Eucaristia.

Deve-se também dar importância ao sacramento do Crisma, para ser entendido como ele é, e conduzir a uma séria vivência eclesial.

2.2. Profético

2.2.1. Catequese

Encontram-se latentes diversos problemas na catequese, principalmente referentes à formação dos catequistas. Urge ter uma estrutura de comunicação mais capaz de relacionar os vários intervenientes na catequese. Devia haver uma maior formação especializada para as várias faixas etárias.

Os sacramentos da iniciação cristã devem estar cada vez mais adequadamente integrados na formação das crianças e numa introdução verdadeira à vida cristã e não apenas como metas ou prémios. Este modelo da iniciação cristã também devia ter em conta as famílias mais afastadas.

O modelo de catequese deve afastar-se do conhecimento de um Deus sensacionalista, como as seitas, e deve educar para os valores absolutos, que estão relativizados. Chama-se também a atenção para uma formação integral das crianças e jovens. Deve-se ainda educar para a integração diocesana e participação em atividades de cariz diocesana.

Os sacerdotes são chamados a estar mais disponíveis para a presença e esclarecimento de dúvidas na catequese, promovendo uma maior rotatividade das posições de liderança na catequese.

Os pais são chamados a ser mais integrados na catequese, nomeadamente através de mais e melhores convites para participar. Pode passar também pela preparação de catequese para os pais e envolvê-los em atividades conjuntas. Neste sentido, era muito importante uma catequese enraizada na família.

2.2.2. Formação permanente

É necessária mais atenção à formação permanente em vista de recuperar a identidade cristã. Neste sentido, é importante a formação para o aprofundamento da fé, nomeadamente através de um maior conhecimento do Credo e de outros conteúdos. Neste sentido, é importante ainda que haja uma maior harmonia entre o que a Igreja diz e acredita com o que dizem e acreditam as comunidades.

Poder-se-iam promover conferências com vários oradores sobre temas que enriquecessem a comunidade e é necessário que, por isso, as pessoas se sensibilizem para a formação e envio. É necessário melhorar a formação de quem ministra a catequese. O melhoramento da formação dos cristãos pode passar por ter como base a aceitação de responsabilidades na comunidade.

É necessária mais formação bíblica e litúrgica. Deve-se ter em conta, ainda, a criação e desenvolvimento de estruturas que façam o acompanhamento de pessoas e grupos depois de uma formação inicial. As paróquias poderiam, ainda, recorrer aos movimentos para melhorar a sua oferta formativa.

Maior acompanhamento e formação dos professores de EMRC das escolas públicas com o intuito de tornar a disciplina de EMRC mais frutífera. No mesmo sentido, deve-se promover a formação cristã junto das escolas, nomeadamente através do dispositivo já existente de EMRC.

A formação precisa de ser adequada à missão de cada um. A mensagem deve ter maior clareza. As questões morais não devem ser tratadas levemente e deve haver uma segura formação nessas temáticas.

2.2.3. Homilia

É importante que haja maior concordância entre a pregação e o testemunho. É também necessário que os pastores conheçam o seu rebanho e que falem de modo perceptível para ele. As homilias “mornas” não iluminam a semana das pessoas. Esta deve ser preparada com linguagem acessível e adequada à assembleia, alegre e interpeladora para a vida. Deve abordar mais a misericórdia que as faltas dos homens.

É importante usar a homilia para uma maior introdução às realidades celebradas, nomeadamente os gestos e ritos. Não deve ser como uma catequese que se estende demasiado no tempo, mas deve ser breve. A homilia é uma oportunidade de evangelizar, por isso deve ser um testemunho alegre, breve e destemido.

2.2.4. Kerygma

Antes de mais, é importante reconhecer que levar o Evangelho não é uma violação da liberdade pessoal. É necessário formar os evangelizadores para o Kerygma. Depois, deve-se anunciar antes de mais nos prédios, nos trabalhos e nos lugares que se frequentam. Deve-se partir do ambiente doméstico e dirigir-se aos que estão mais afastados de Deus.

O pastor é chamado a ser o dinamizador da ação kerygmática. No mesmo sentido, os padres fazem-no sendo mais próximos das pessoas, veiculando um exemplo interpelador. Por outro lado, os meios de comunicação das paróquias, por exemplo plataformas on-line, são instrumentos importantes para o primeiro anúncio.

Todo o Povo de Deus deve estar consciente da obrigação de anunciar, e não julgar que é uma ação apenas dos consagrados. Isto passa por não ter vergonha de pertencer à Igreja e por falar da fé que se vive com convicção.

A articulação entre paróquias e a troca de experiências de anúncio é muito importante.

2.2.5. Acolhimento

Atualmente, uma das primeiras formas de acolhimento é muitas vezes os meios de comunicação, como as plataformas on-line. Estas devem apresentar-se atualizadas e, de facto, acolhedoras. O acolhimento não se deve confinar ao espaço físico da Igreja.

Também é necessária a promoção do acolhimento nos diversos serviços da paróquia, nomeadamente através de horários de abertura e fecho que sirvam a realidade das pessoas. Também é necessária a formação das pessoas para saber acolher. As eucaristias podem ser um momento em que pode ter bastante valor um dispositivo de acolhimento.

É muito importante que o sacerdote vá ao encontro de cada um pessoalmente e é importante que a Igreja reflita o conceito de comunidade. Muitas vezes o acolhimento passa simplesmente por estar presente. São ainda necessários espaços mais acolhedores para a celebração do sacramento da reconciliação.

Deve-se ter em conta a necessidade de acolher e acompanhar quem está doente ou impossibilitado de ir à paróquia. Deve-se ainda ter em conta o acolhimento dos emigrantes, estudantes e outras pessoas que saem dos seus ambientes de segurança. É também importante acolher e acompanhar os pais que acompanham os filhos à Eucaristia ou à Catequese.

Devem repensar-se o tipo de vínculos interpessoais que as comunidades querem gerar. É imprescindível a conversão ou o fim de estruturas com clima pouco acolhedor que não respondam aos problemas com atitudes burocráticas. A escuta tem um papel crucial no acolhimento. Deve-se deixar de dar tanta importância aos objetivos e benefícios individuais que possibilite a criação de ambientes mais acolhedores para que todos os cristãos se sintam pertencentes à Igreja. Também é preciso acolher quem está «dentro» da Igreja.

2.3. Real

2.3.1. Pastoral familiar

Nas respostas sugere-se que se tenha em conta as realidades familiares desestruturadas e os casos difíceis de vivência familiar, nomeadamente na sua integração e comunhão com a comunidade e a escuta dos seus anseios e dificuldades. Deve-se ainda acompanhar as famílias que estão em situações difíceis, como em casos de pobreza ou luto.

Também deve ser promovido e tido em conta o diálogo intergeracional. Devem mesmo promover-se encontros e conferências para as várias gerações que ajudem à vivência e contacto com os desafios postos às famílias nos dias de hoje.

Deve-se também promover a vivência familiar da fé e também o desenvolvimento de uma pastoral em chave familiar, nomeadamente através da entrega de determinadas missões a famílias concretas. Nas paróquias era bom haver um rosto concreto que representasse a pastoral familiar.

A Igreja é chamada a acompanhar os jovens casais assim como o apoio a casais em dificuldade. Apostar em casais experientes, bem formados e informados e com uma caminhada séria de fé para darem formação. Deve criar-se um programa sério de apoio à família.

2.3.2. Pastoral vocacional

A pastoral vocacional está muito afunilada na vocação ao sacerdócio, à vida religiosa e missionária, ficando de parte a vocação ao matrimónio. Por outro lado, a pastoral vocacional está muito confiada ao sacerdote, cabendo pouco aos leigos. Em geral, não há um entendimento vocacional da vida. Há que se ultrapassar o medo de propor aos jovens um caminho vocacional sério.

Está desperta a consciência para o apoio aos seminaristas, pela oração e pela partilha de bens, mas apela-se a que os seminários estejam mais presentes nas paróquias, para que estas estreitem laços com os seminários. Deve promover-se nos agentes pastorais uma maior sensibilidade para o encaminhamento das possíveis vocações.

Sente-se um grande défice de publicitação das vocações consagradas femininas, que deveriam também ter um maior papel na pastoral vocacional.

2.3.3. Pastoral juvenil

Os jovens são chamados a sentir a Igreja como a sua casa, e deve por isso promover-se um diálogo entre as várias gerações. É necessário que as pessoas responsáveis pelos grupos sirvam como modelos, percebam a sua linguagem e sirvam os seus dinamismos. É fundamental promover o espírito de serviço para com os outros. Deve ainda promover-se o diálogo e colaboração entre os vários grupos juvenis. Deve ainda prestar-se um maior acompanhamento aos jovens que namoram.

2.3.4. Pastoral social

É de assinalar que a resposta relativa à solidariedade raramente surge como pessoal, mas sim incumbida nas expressões atuantes dos Centros Sociais e Paroquiais, Lojas solidárias, Centros de Dia, Apoio domiciliário, etc., sendo importante que não menosprezando estas formas, se cultive uma utilização solidária do tempo pessoal para ir ao encontro das necessidades dos outros.

Nesta área denota-se uma grande precariedade no que diz respeito ao seu carácter cristão e kerygmático, ficando isolado enquanto expressão unicamente social. Não que a ajuda deve significar apenas o apoio dos cristãos, antes pelo contrário,

Existem expressões de apoio aos sem-abrigo, às crianças em dificuldades, etc.. Estas podem ser ainda mais desenvolvidas, nomeadamente com novos projetos de apoio.

Reunião do nome e morada de pessoas que necessitam de apoio, para que sejam mais facilmente ajudadas.

2.3.5. Pastoral da saúde

É importante a presença dos sacerdotes nos hospitais, visitando os doentes. Ao mesmo tempo é necessária a formação dos visitantes. Devem promover-se tempos de oração com os doentes, nomeadamente nas suas casas quando estão acamados. Deve fazer-se um levantamento das pessoas que gostariam de receber uma visita para a escuta da Palavra de Deus e para o diálogo. Tendo em conta o envelhecimento das pessoas, deve fomentar-se a pastoral com os idosos.

2.3.6. Pastoral prisional

Deve promover-se a visita aos reclusos, assim como promover a formação catequética, nomeadamente na sua articulação com a receção dos sacramentos.

2.3.7. Pastoral da mobilidade/turismo

As migrações desafiam as nossas maneiras de estar no mundo e na Igreja através do contacto com a universalidade, o chamamento à solidariedade e a consciência da necessidade de diálogo. Tudo isto é uma oportunidade providencial para a concretização da missão da Igreja. Deve desenvolver-se a capacidade de dar resposta ao número de migrantes que nos chegam.

2.3.8. Pastoral da cultura

Deve fazer-se face à influência que os meios de comunicação têm nas crianças e jovens, que muitas vezes ridicularizam o Credo. Por outro lado, deve valorizar-se o facto de a cultura atual ainda estar permeada pela cultura cristã.

Devem desenvolver-se e divulgar-se projetos que vão ao encontro dos jovens, uma vez que as pessoas estão inclinadas para as realidades culturais. Devem ainda ter-se em conta outras realidades culturais diferentes das nossas.

2.3.9. Administração paroquial

Refere-se a urgência da criação de Conselhos Pastorais Paroquiais para o desenvolvimento de projetos conjuntos. Devem também integrar-se pessoas com conhecimentos de gestão nos Conselhos Pastorais. Deve haver um envolvimento maior das pessoas na condução pastoral das paróquias.

É importante o crescimento no cumprimento dos horários e a disponibilidade dos padres para atender as pessoas e escutá-las em confissão. Os padres são chamados a estar atentos a rivalidades dentro das paróquias e devem promover a rotatividade nos lugares de responsabilidade.

O recurso às novas tecnologias pode ser uma mais valia para a vida pastoral das paróquias, mas ao mesmo tempo deve acautelar-se a possibilidade de estes serem um entrave à resolução de problemas ou ao surgimento de dificuldades de relação pessoal.

2.3.10. Administração diocesana

Devem publicitar-se os acontecimentos diocesanos nos movimentos, para que estes participem nas iniciativas diocesanas. Além disso, deve desenvolver-se a utilização dos meios de comunicação já existentes para a promoção de iniciativas da Diocese.

Há uma grande dificuldade em promover-se uma pastoral de conjunto, que deve ser desenvolvida, apesar da dificuldade que é causada pela grande diversidade de iniciativas. As normas emanadas pelo Bispo Diocesano devem ser realmente diretivas no que tem a ver com as normas de administração dos sacramentos. Pede-se ainda clareza na publicação das contas da Diocese.

Os Bispos devem motivar os cristãos a participar em iniciativas promovidas por outros grupos não ligados à Igreja, mas que sirvam os valores cristãos.

2.3.11. Diálogo ecuménico e diálogo inter-religioso

É nosso dever respeitar as outras confissões religiosas e cristãs. Ao mesmo tempo, as seitas são um desafio à Igreja Católica.

3. FORMAS DE ENSAIO

Uma boa experiência da pastoral de conjunto e da integração dos movimentos foi a experiência do «Eu acredito», em que os jovens de vários movimentos dinamizaram a juventude para a visita apostólica do Papa Bento XVI.

Na sequência do Sínodo Diocesano 2016 a Paróquia da Ramada teve a iniciativa de criar 12 comunidades CEG (Comunidades *Evangelli Gaudium*) no sentido de juntos refletir-se e partilhar-se a consciencialização de cada um face à Exortação Apostólica, seguindo-se a orientação do Guião de perguntas. Estas comunidades reúnem-se quinzenalmente. A reunião é iniciada com a invocação ao Espírito Santo e no final faz-se a escuta da Palavra com a leitura de uma passagem bíblica aleatória, com reflexão. Os responsáveis de cada uma destas comunidades reúnem quinzenalmente com o Pároco, numa reunião semelhante embora também recebam orientações para as comunidades de base. No 2º trimestre foi realizada uma reunião alargada com a participação de todas as comunidades onde um elemento de cada uma partilhou a alegria da sua vivência nestas.

Adesão à “Oração na Cidade” às segundas-feiras na Capela do Centro Comercial das Amoreiras.

Uma paróquia em particular celebrou festivamente o dia de S. José, juntando todas as comunidades e em especial os pais através do empenho das crianças da catequese e divulgação pelo meio de colocação de cartazes nos locais de convívio da população em geral.

Na paróquia do Milharado, na Quaresma, todas as famílias receberam o convite a acolher em sua casa a cruz de Jesus, que aí permanecia por um dia, até passar para outra casa.

Uma paróquia aderiu à associação «Refood S. Sebastião» e ajuda à entrega de comida em casa de pessoas do bairro como oportunidade de encontro e proximidade.